

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 25

Data: 31/07/83

Pg.: _____

190 Fulni-ô dão exemplo de resistência

Nádia Teixeira Pires da Silva

OS Fulni-ô constituem um dos seis grupos indígenas que habitam Pernambuco. Também conhecidos como Carnijó, vivem numa Reserva de 11 mil 500 ha situada no município de Aguas Belas, área de transição entre o Agreste e o Sertão. População: cerca de 3 mil pessoas.

A cidade de Aguas Belas está encravada em terras indígenas. Com isto recente-se de espaço onde possa expandir-se livremente, o que gera um estado de tensão latente entre índios e brancos.

Atualmente, cerca de duas mil pessoas vivem dentro da Reserva como arrendatários. São famílias pobres e sem terras que se viram compelidas a adentrar em território indígena a fim de construir sua moradia e para tirar dali seu sustento. É com essas pessoas, e confundindo-se com elas, que os Fulni-ô vivem seu cotidiano.

Dentre os 16 grupos indígenas do Nordeste, são os Fulni-ô considerados os mais resistentes aos efeitos causados pelo contato interétnico intenso e prolongado. E isto se deve ao fato de terem conseguido manter a língua (Yathê) e aspectos organizacionais de sua religião — o Ouricuri.

Mas, mais do que a língua — que fazem questão de usar na presença do homem branco — o Ouricuri é, sem dúvida alguma, o elemento que caracteriza o grupo, não só frente a si mesmo, como também em relação ao civilizado. E esta dupla função fica patente quando se observa que os Fulni-ô definem o "ser índio" pelo fato de freqüentarem o Ouricuri. E os "civilizados" reconhecem a peculiaridade do grupo pela existência desta esfera religiosa.

Seus rituais se desenvolvem durante quase todo ano, intensificando-se nos três últimos meses, período em que ocorre o Ritual. Nesta ocasião, a totalidade da população praticamente muda-se da aldeia onde vivem o dia-a-dia, para a aldeia do Ouricuri, distante aproximadamente 5 km.

No período de Retiro (final de setembro a meados de dezembro), pode-se observar a grande capacidade de mobilização que o Ouricuri possui: jovens deslocam-se quase em euforia para a área sagrada; as crianças abandonam seus folguedos sem reclamações a fim de acompanharem seus pais; vários Fulni-ô que vivem em outras cidades, em outros Estados, deslocam-se para lá a fim de participarem ao menos de alguns dias do Retiro.

É interessante notar: nada os obriga a participarem. Vão por que querem: porque acham ser o mais certo; "é uma questão de consciência", afirmam.

Na verdade, o Ouricuri tem uma importante função social. Mesmo estando imbricado a uma realidade materialmente adversa às formas tradicionais de organização social indígena, onde a apropriação comunal do solo foi substituída pela apropriação individual, em nada favorecendo ao sentido comunitário, o Ouricuri mostra-se capaz de criar um espaço físico-social tipicamente Fulni-ô, dentro de um outro maior e menos delimitado (índios e brancos confundem-se devido à prática de arrendamento) que é a Reserva indígena.

Ao mesmo tempo, tem a função política de afastar os civilizados, de mostrar-lhes o poder Fulni-ô: os brancos ali estão porque eles permitem; eles são os donos da terra e o Ouricuri prova isto, mostrando sua indianidade e afastando o branco de suas manifestações mais autênticas.

Mas essas funções não se manifestam somente nas relações da comunidade com os habitantes da região. Elas estão presentes no cotidiano da comunidade, organizando-se e fortalecendo-a. E isto pode ser apreendido em vários níveis. A começar pela organização espacial da aldeia do Ouricuri, com seu pátio central cercado de pequenas ruas estreitas, onde as casas, pequenas demais para as famílias que nelas habitam, se aglutinam. Ali, o contato entre as pessoas é infinitamente maior do que aquele que se verifica na outra aldeia.

No pátio central, a comunidade se reúne a fim de discutir e encontrar soluções para os problemas que a atingem. É ali que se elege a liderança (cacique e pajé), e esta cria o seu conselho.

É ainda na aldeia do Ouricuri que os Fulni-ô plantam e criam animais comunitariamente. Toda a produção pertence a todos. E isto não ocorre fora dali: com a Reserva dividida em lotes, cada indivíduo ou família tem o seu próprio pedaço de terra.

Assim, mais do que uma área onde se atualizam os preceitos religiosos, o Ouricuri é, sem dúvida alguma, o fator socializador por excelência. Ele constitui-se num elemento eficiente de diferenciação e afastamento de dois grupos distintamente organizados (índio e branco) porque exerce no grupo que o gerou a função real de organizador. Aí reside a resistência deste grupo indígena pernambucano, que conseguiu, no decorrer dos séculos, sobreviver e se impor como tal, num país em que centenas de grupos indígenas foram brutalmente dizimados ou profundamente descaracterizados.

Nádia Teixeira Pires da Silva é antropóloga, bacharel em Ciências Sociais pela UFRJ e mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Carioca, mora em Anchieta, Rio.